

TANTO FIZ QUE DEU POEMA

D a n i E s p í n d o l a



EDIÇÃO DA AUTORA - 2020

BIOGRAFIA

Daniela Espíndola (ou Dani Espíndola) é formada em Letras Português-Inglês, especialista em Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa. É professora há mais de trinta anos e tem em sua trajetória de vida a profunda crença de que a educação e as artes podem transformar as pessoas e o mundo!



APRESENTAÇÃO

Em uma noite de mais um dia em isolamento num tempo de pandemia, acordei com calor e frio no corpo e outras inquietações na alma. Como de costume, traduzi meu sentimento em um poema na mente. E estando tudo no mundo tão diferente, mudei também. Registrei as palavras que em mim surgiam neste mundo paralelo das redes sociais. E não parei mais; duas centenas de poemas depois, seguimos em lua-de-mel, os muitos poemas e os tantos eus.

Tudo muda o tempo todo no mundo e aqui estou eu ousando novamente ao fazer uma seleção desta safra de poemas pandêmicos para um novo registro: este e-book. Uma tarefa de entrega e desapego que resultou na escolha de 30 poemas que dizem muito de mim, ou não.

Que cada conexão que se estabeleça com quem quer que venha a ler qualquer destes poemas possa trazer benefícios a todos os seres!

DEDICATÓRIA

Dedico estes poemas aos meus pais Francisco e Maria de Lourdes, que nunca mediram esforços para termos uma casa cheia de livros, sem jamais censurar as escolhas de nossas leituras. Aos meus irmãos, Fernando e Pablo; aos meus sobrinhos Matheus, Pedro e Linda. Aos queridos cunhados e cunhadas.

Ao meu genro Matheus.

Às amigas todas que não me deixam esquecer de mim; aos queridos amigos também. Às alunas e alunos que me ensinam tanto.

Ao Jiddu Saldanha, que acreditou neste projeto e ao Ricardo Silvestrin que me pôs entre escritores, estabelecendo os elos desta conexão cármica.

Ao meu amor Frank Jorge, parceiro de todas as aventuras desta vida louca.

À minha mais linda produção, a justificativa para tudo: meus filhos Mariana, Érico e Glória.

Ao nosso cãozinho Sushi, alegria da casa.

Vó Gina: In memoriam

PREFÁCIO

- Olha o vento descabelando os coqueiros... Eu vi! Eu vi!

Um dos momentos mais significativos da história da música popular brasileira, na minha singela opinião, é o diálogo do mestre baiano João Gilberto com um médico que o examinava num hospital, e dizia mais ou menos assim:

- Olha lá o vento descabelando os coqueiros!

Ao que o doutor teria respondido: - Árvores não têm cabelos, João.

- E algumas pessoas não têm poesia, arrematou o mestre (1).

Corta para 2020: governos antidemocráticos em diversos países do globo terrestre, pandemia pelo Coronavírus gerando medo e tensão, falecimentos a rodo pelo mundo todo...

Em síntese, sobreviver a tudo isto se tornou primordial, prioridade.

Seguir vivendo num mundo sem poesia.

Daniela Boeira Espíndola, formada em Letras, professora de inglês/português, budista, mãe de três filhos, amante fiel de todas as linguagens artísticas e da contracultura, se viu contaminada pelo Coronavírus em meados de março de 2020, com crises constantes de dores insuportáveis no pulmão e no corpo todo.

Isolou-se dos filhos e do esposo num quarto, seguiu vivendo...

Se viu POETA.

**Se tornou pura poesia distribuída com amor e gratuitamente pelas redes sociais digitais,
poesias sempre acompanhadas de ilustrações criteriosamente escolhidas.**

Daniela recuperou-se aos poucos, retomou seu trabalho com aulas particulares por web-conferências e seguiu escrevendo poesia com regularidade-intensidade, falando através de heterônimos sobre amor, silêncios, liberdade, desapegos, desejos íntimos e projeções de uma vida melhor, quem sabe, em outro lugar, outro país.

Os clichês sobre os artistas, dom natural e inspiração seguirão existindo.

Eu, esposo-amigo-fã de Daniela, tive a sorte grande de vê-la como poeta antes mesmo que ela soubesse há uns 20 e tantos anos quando ficamos juntos pela primeira vez.

Divido com vocês todos (principalmente a sociedade brasileira tão carente de poesia) neste primeiro E-book, o vento descabelando freneticamente os coqueiros, que atônitos e entusiasmados, saúdam a chegada de uma poeta inteligente e sensível ao mercado editorial digital, abastecendo assim, nossas almas e corações.

FRANK JORGE

Músico, compositor, professor universitário.

(1) (CASTRO, Ruy. Chega de Saudade. Companhia das Letras: São Paulo, 1991)

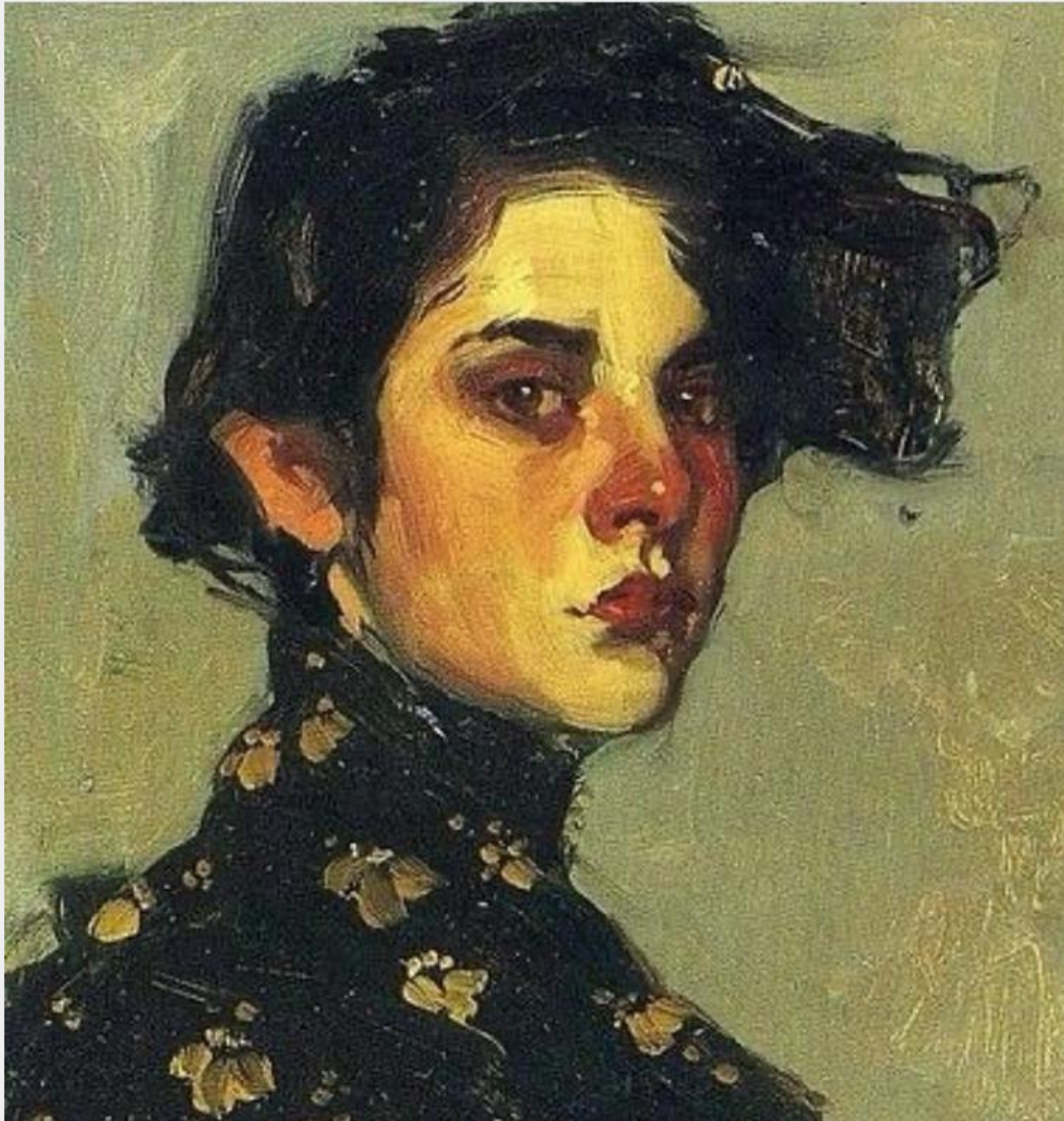
ANTES



Edvard Munch

Antes que este beijo acabe
Que o olhar se perca em divagações distantes
Antes que o horizonte se alongue
E a respiração não seja mais tão ofegante
Antes que este corpo desabe
Que o amor desande
Que o desejo se torne inconstante
e os sonhos compartilhados fiquem para mais adiante

Antes de que tudo o que se sabe
Deixe de ser relevante
Torne-se dispensável e volátil
Incoerente e conflitante
Antes que este beijo acabe
Mergulho em tua seiva-saliva
Sinto o gosto do gozo
Neste único instante.



Malcom Liepke

CONTRADIÇÕES

Há um enorme descompasso
Entre o que sinto e o que faço

Erro o tamanho do verso
Piso em falso
Desafino o tom da rima
Quebro a métrica
Esculhambo a metonímia
Numa lucidez histórica
O equilíbrio é percalço
Nada em mim combina
Talvez esta seja a sina
Viver o voo que não alço.

NOTÍCIA DO DIA



Ernesto García Cabral

Amanhã de manhã
todos saberão quem sou
É só o tempo de o tabloide chegar
E anunciar em caixa alta
Até pra quem não quiser ouvir
Todos saberão de mim
Todos saberão que vou
E o que restou
Não é tão ruim assim.
Vou buscar o meu lugar
Minha Pasárgada,
minha Shangri-la-Xanadu
Há de haver algo mais
Nos paraísos artificiais
de Baudelaire
E quem não quer?!
E na capa dos jornais
Em letras garrafais
“Partiu atrás dos sonhos:
Isso sim é que é mulher!”.



Alberto Morrocco

LEMBRANDO

Onde esqueci a poesia em minha vida?
Onde perdi a poesia?
Onde esqueci a minha vida?

Onde?
Defronte à fonte que origina
a onda que afogou o que sou
E agora venho e vou
Venho e vou
E o ir e vir nunca termina
Onde deixei de ser menina?

Onde estará meu salva-vidas?
Na dor da ferida que cicatriza!
Na palavra que some quando mais se precisa

Aflicção como antídoto para ver
A poesia não está na rima perdida
A poesia é o viver da própria vida.



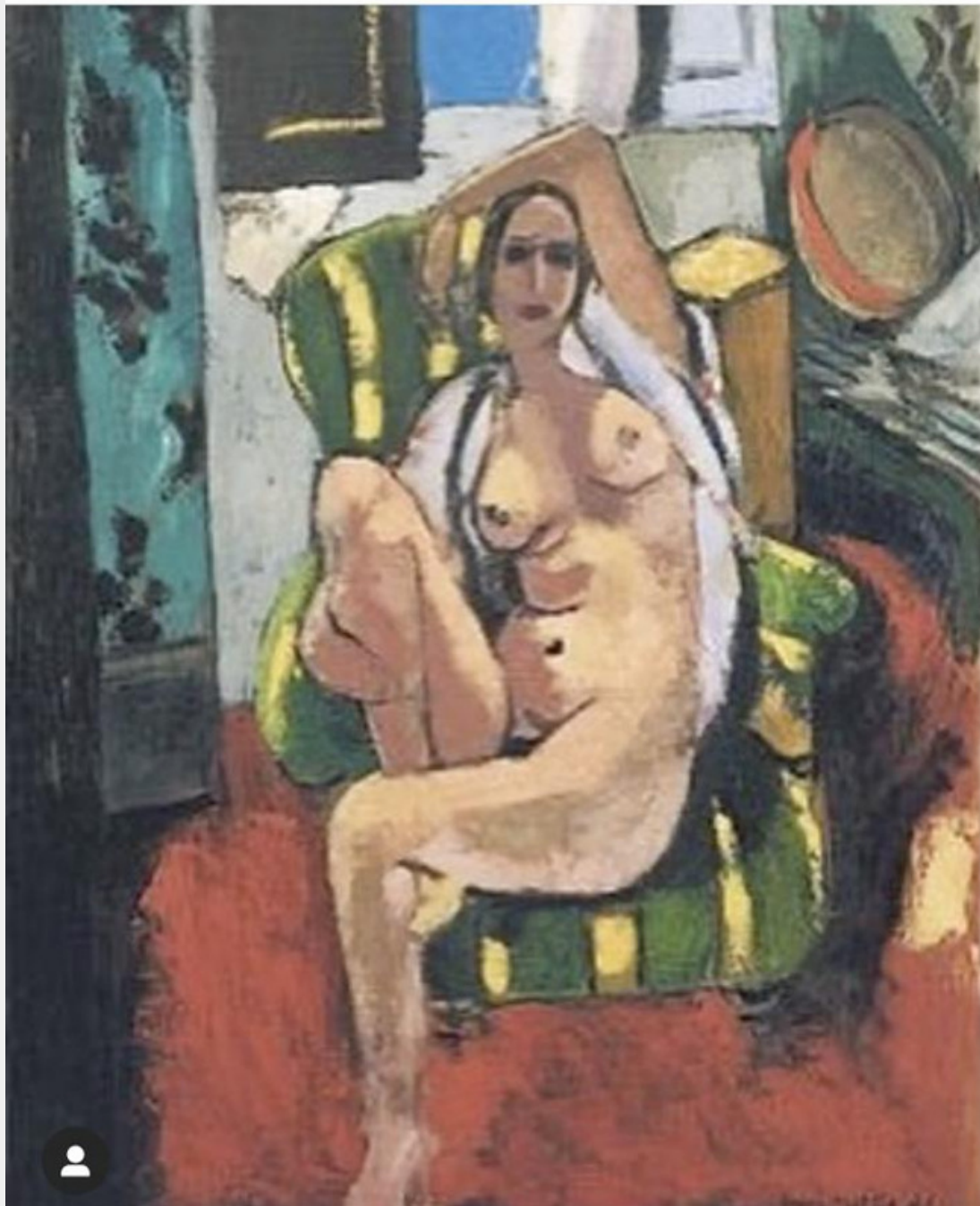
Pablo Picasso

NÃO VIDA

Não disse os não's que quis
Não plantei tudo o que colhi
Não sei porque estou aqui
Não fiquei calada quando devia
Não fingi que não sabia
Nunca compus uma melodia
Não escrevi poemas de amor
Não consigo não ter rancor
Nem viver sem sentir dor
Não me lembro dos meus deslizes
Das origens das cicatrizes
De não seguir as diretrizes
Não sou flor que valha a pena cheirar

Não sou mulher pra casar
Também não vim pra ficar
Não sou páreo pra ninguém
Não me prendo ao que convém
Não me importo se estou aquém
Não sou nada, nem quero ser
Não tenho sonhos, nem quero ter
Vivo só a sobreviver.

QUIMERA



Henri Matisse

Tulipas-me ao som de luas nus
Eu aceito
E deleito copos-de-leite em véus
Que desnovelam, vez após vez, em ritmo fugaz sob lençóis d'água
Assim, na mais completa languidez
Pelo torpor em consequência do amor
Desabam-me as paredes
Perco os chãos-pilares da lucidez
E sem qualquer esperança de voltar a encontrar alguma razão
Entrego-me crua e destemperada para que me devores novamente na madrugada.

SONETO SOMBRIO DE SÁBADO À NOITE

Hoje não há estrelas no céu
A lua desalmada se escondeu
E a noite é um mar do mais profundo breu
Das almas é abrigo, mausoléu

Nem bêbados, nem pássaros noturnos
Nem passos de gatunos a vagar
No ar, um silêncio inoportuno
A música esqueceu-se de tocar

Hoje não há fogo nos amantes
Não há festas de estudantes
Não há nada a celebrar

No ar, resta uma tola esperança
Como um desejo de criança
que aguarda o sol raiar..



Kes Van Dongen

NOUS ET LA NUIT

Chuva na calçada
Vento na vidraça
A noite acorda

Frio na madrugada
Pernas se entrelaçam
O amor renasce

Vinho em duas taças
Disco na vitrola
Os corpos dançam

Roupas espalhadas
Palavras sussurradas
A noite dorme



Clare Elsaesser

AÇÃO E (NÃO) REAÇÃO



Zofia Blasko

Não te pedi que viesses
Mas também não peço nada e tudo vem
E vai-se
Esvai-se
E fico sem.

Não te pedi que ficasses
Mas também não jogo nada fora
E tudo fica
Tudo aflora
E depois vai embora
Com desdém.

Porque as coisas são como são
Disseram-me uma vez
Para que eu não tivesse desejos
Para que eu não tivesse lampejos
Me acostumassem à placidez.

Não me perguntaste
Mas eu respondo mesmo assim

Ainda que você não ouça
Agora eu vou falar de mim
E nós dois sabemos
Que gritarei sussurrando
Que chorarei sorrindo
E no final direi sim.

APESAR



Richard Kuhn

Como quando a coberta não alcança os pés na noite gelada
Como quando num teatro vazio
Como um animal solitário no cio
Como os palhaços órfãos a procurar aonde foram os circos das nossas infâncias
Como a musa que deixou de ser musa só porque agora há rugas em seu rosto
Como quando num gol contra na final do campeonato
Como quando a fome dói
Como quando o sono não vem e acordados vivemos todos os pesadelos
Como o medo aterrorizante do bicho-papão, do Sombra e do velho-do-saco
Como quando você flagra o olhar do seu amor mirando em outra direção
Como quando dizem que a culpa sempre foi sua
Como quando lhe tiram o direito de resposta
Como quando nada mais importa
... e milagrosamente você segue com um sorriso no rosto.

A PALAVRA QUE ME FALTA



Robin Wethe Altman

Busco a palavra perfeita
A palavra-chave
A palavra que me falta
A que alinhave

Quero a palavra que traga a cura
Palavra-remédio
Que drible a censura
Que espante o tédio

Desejo uma palavra-palavra
Que tenha algo a dizer
Não uma palavra qualquer
Que irei ouvir e esquecer

Quero uma palavra quente
Palavra que diga o que sente
E não fique dormente
Dentro da gente

Sonho com um mar de palavras rasas
E um rio de palavras profundas
Palavras em lavas, em brasas
Palavras fecundas e imundas

Palavras em diversas línguas
Palavras em diversas bocas
Que não me deixem à míngua
Parecendo louca

Busco a palavra que enfeita
Que deixa o discurso bonito
Que diga o que eu acredito
Busco a palavra perfeita.



Agathe Singer

TEMPO

Novamente
A criatura tempo a me atormentar
Feito de matéria elástica
Alcança as pontas da eternidade
Do infinito à brevidade
Espreita-me como uma fera faminta

Ataca-me sempre desprevenida
E devora-me, lentamente.
Morro um pouco a cada mastigada.

TUDO e NADA

Tudo o que te disse
Cada palavra e na ordem pensada
O respeito às prosódias que tanto te preocupam
As intonações adequadas;
Tudo o que te disse
Cada sentido e o significante
Tudo dito ao pé do ouvido
Sussurrante
Tudo isso é nada.

Nada do que te disse
Nenhuma sílaba pulada
Nem sotaque reconhecível
Ou mesmo imitável
Nenhum verso repetido
Nem estrofe acidentada
Nada abala teu sorriso
Ao ver minha poesia
Arruinada.



Ksenia Panchenko

ELA, A FLOR



Fernanda Martins Costa

Nasceu como todas
Foi plantada, germinou, vingou
Mas nasceu mesmo já na flor da idade
Desabrochar tardio
Descobriu que também tinha perfume próprio
Podia até ser comida
E queria ser despetalada e devorada
Reconhecida
Entendeu sua beleza
E que com-ela-ninguém-podia
Agora que nascera para si
Seria mais do que um adorno
Um ornamento nos jardins dos outros
Colheria a si própria
Usaria seus próprios líquidos para satisfazer as sedes da vida
E mesmo em todo o esplendor
Mantinha seu coração de botão,
a Flor.

MIRADA



Ladonya Pearson

Amo como me miras, amor
Maravilho-me e
Melindro-me no mel moreno
De teus olhos
Meu mouro maestro
Molho-me em teu mar aberto
Mergulho
Em tua métrica metódica
Tua ausência é o meu maior martírio
Meu medo, miséria, minha melancolia

Tua ausência é monotonia
E a memória de tua mirada
Faz de minha alma
Moradia.



Milu Petersen

CICLOS

Um espreguiçar
Um olhar
Um querer
Um hesitar
Um ousar
Um levantar
Um buscar
Um tropeçar
Um chorar
Um aprender
Um seguir
Um sorrir
Um compreender
Um descansar.

COTIDIANO



Anh Duong

Já acabou o café e acabou a pasta de dente
Tudo tem o seu tempo de duração
eu já sabia e fingia que não via
Eu já não via e fingia que sabia
O que se passa nas prateleiras do coração
Coisas a serem repostas.

A pilha de roupas para passar se agiganta em veloz preguiça

Tudo acumula e cresce nesta vida
Tudo se amontoa inerte nesta lida
Eu percebo e finjo que esqueço
Eu finjo que não enlouqueço
O que se passa no dia a dia
Passa-se a ferro.



Gustav Klimt

DÓI

O que me disseste ainda ressoa...
Como a agulha sobre o disco arranhado
Vai e volta, vai e volta
Cavocando a ferida
Agulha maldita
Repetindo as palavras que ferem
De novo e de novo
Meu coração sangra melodias desafinadas.



Vanessa Bell

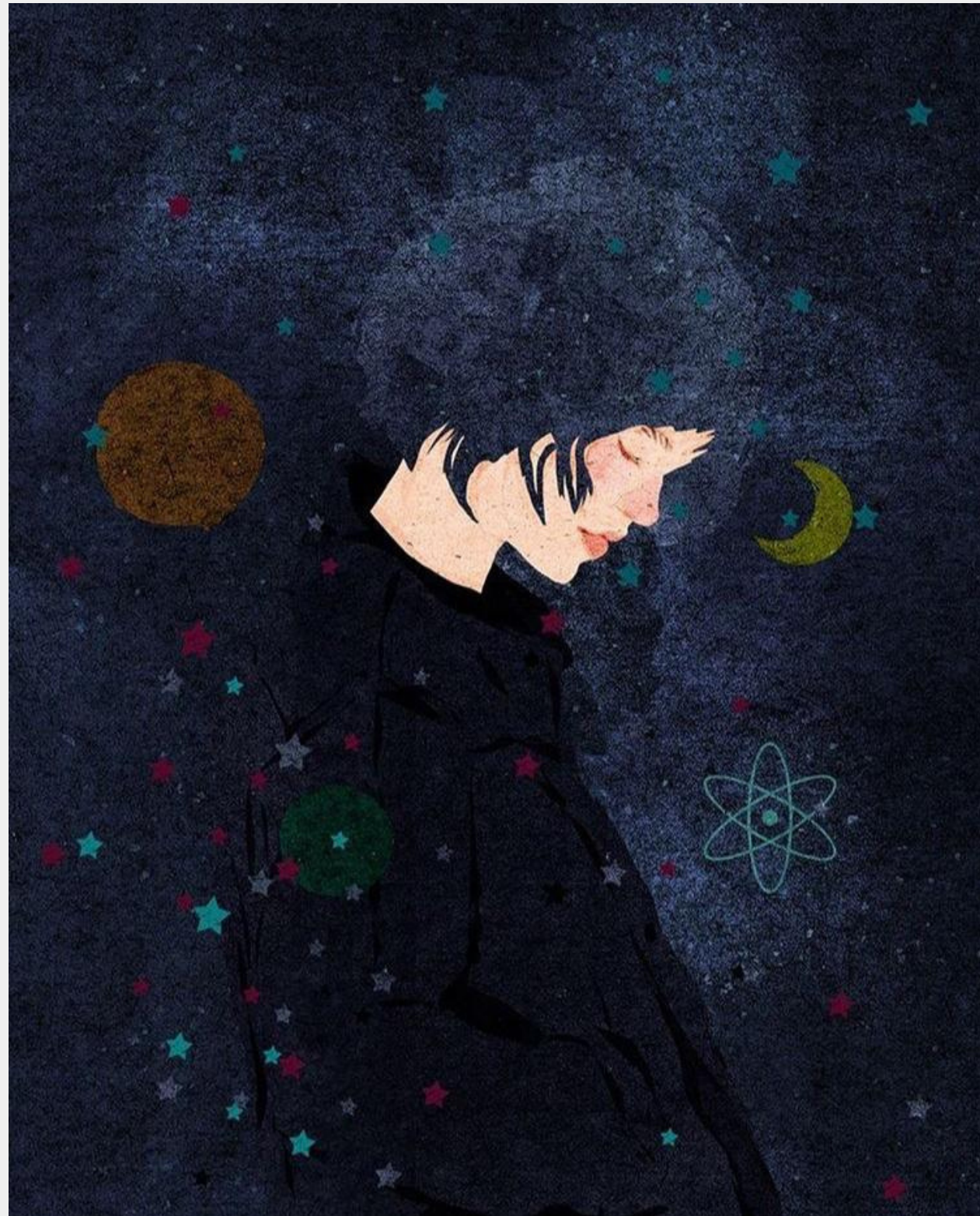
VIGÍLIA

Nesta noite
Quando a cidade fechar os olhos luminosos
E o véu escuro da noite nos cobrir
Criarei coragem
Vou partir
Atrás da miragem
Que me faz sorrir sozinha à luz do dia
No sonho da vigília
Nesta noite direi sim
Aos desejos em mim
Buscarei companhia
Buscarei folia, alegria
Fatias de vida e vontades
Para despertar nutrida
Na realidade.

SENTIDOS

Suspiro sílabas de silêncios
Em estribilhos
Não falo
Estalo estrelas em intervalos
Para quem quiser ouvir
E pisco asteriscos
Esses olhos insossegantes nunca aquietam o mirar
Atiçam os sentidos
Profanam o paladar
Risinhos estouram e escapam
Escapolem-se frenéticos
Não há toque que os segurem
Pelo menos os olfatos os sugam de volta ao ser essência

Ao resguardo permissível dos prazeres e dos sonhos.



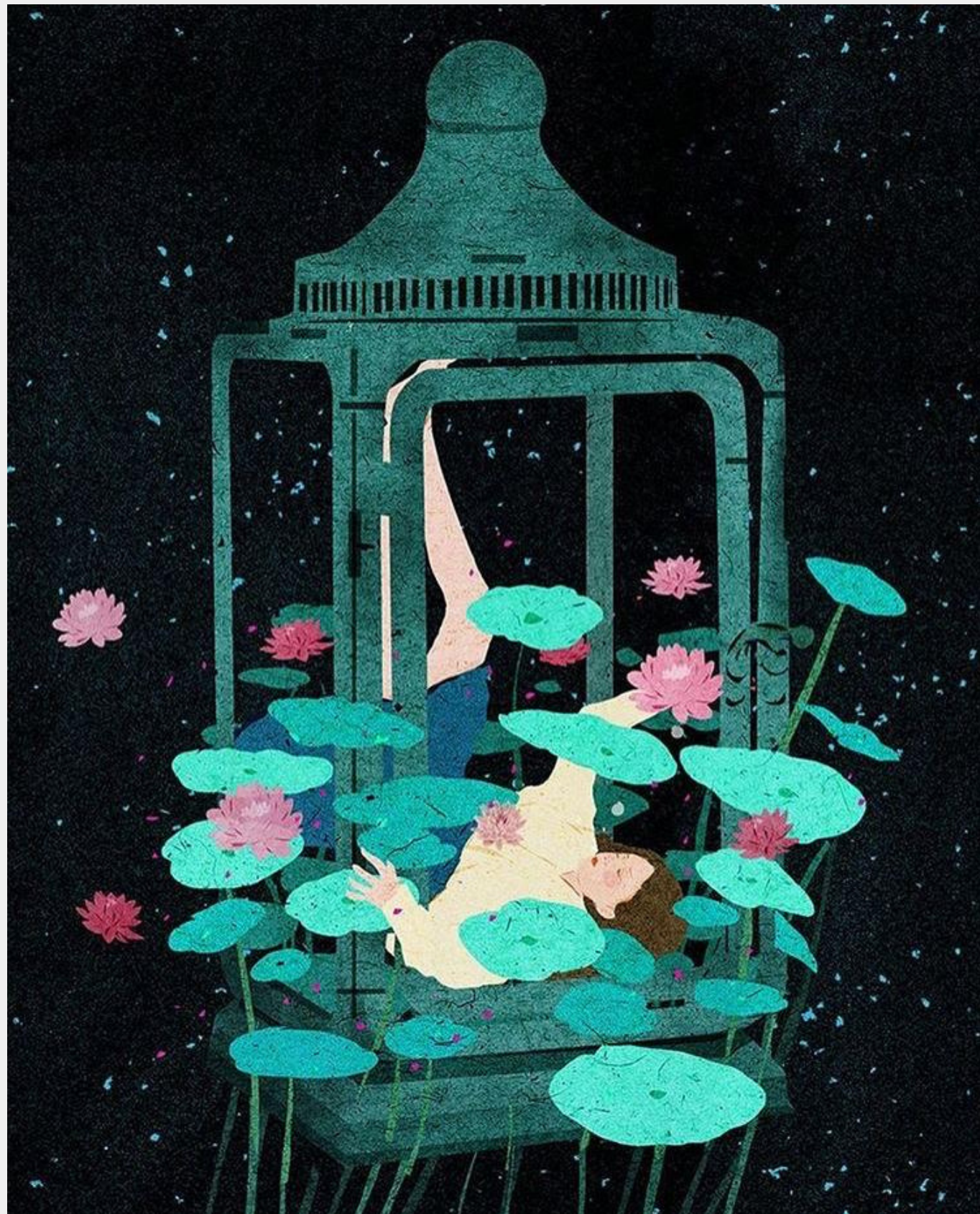
Xuan Loc Xuan

RESIGNAÇÃO

Tal qual um pássaro ferido vez após vez
Na ingenuidade de um voo matinal
Prefiro a gaiola onde, em intervalos conhecidos e ritmados,
mãos repõem algo de comer e água.

Ainda que desviva a cada dia
Nesta prisão encontro a liberdade de poder não querer voar
A vida em destempo é enfadonha
Mas e daí?
Não sou afeita a bandos
Nem tenho coloridos a exhibir.

Não me custa cantarolar por vezes
fazer alguns agrados
É o preço da paz de minha solidão
Da tranquilidade de saber onde estarei quando a morte chegar.



Xuan Loc Xuan

POEMITOS



Cesar Ayllón

O fundo do poço
Não é o fim
Mas um esboço
De um recomeço
Em mim.

A gota d'água
Não é o que falta
Para a explosão
É a dose exata
E necessária
De compreensão.

Lavar as mãos
Nem sempre é solução
Pode manchar a biografia
Ser pura covardia
Abandono, ingratidão.

A pedra no sapato
Não é transtorno
Ou incomodação
É a pausa no caminho
O desconforto necessário
Tal qual na rosa, o espinho.

Um poema
Não é uma canção
Mas pode ser
É só pegar um violão.

SONHO COM PALAVRAS



Michelle Caplan

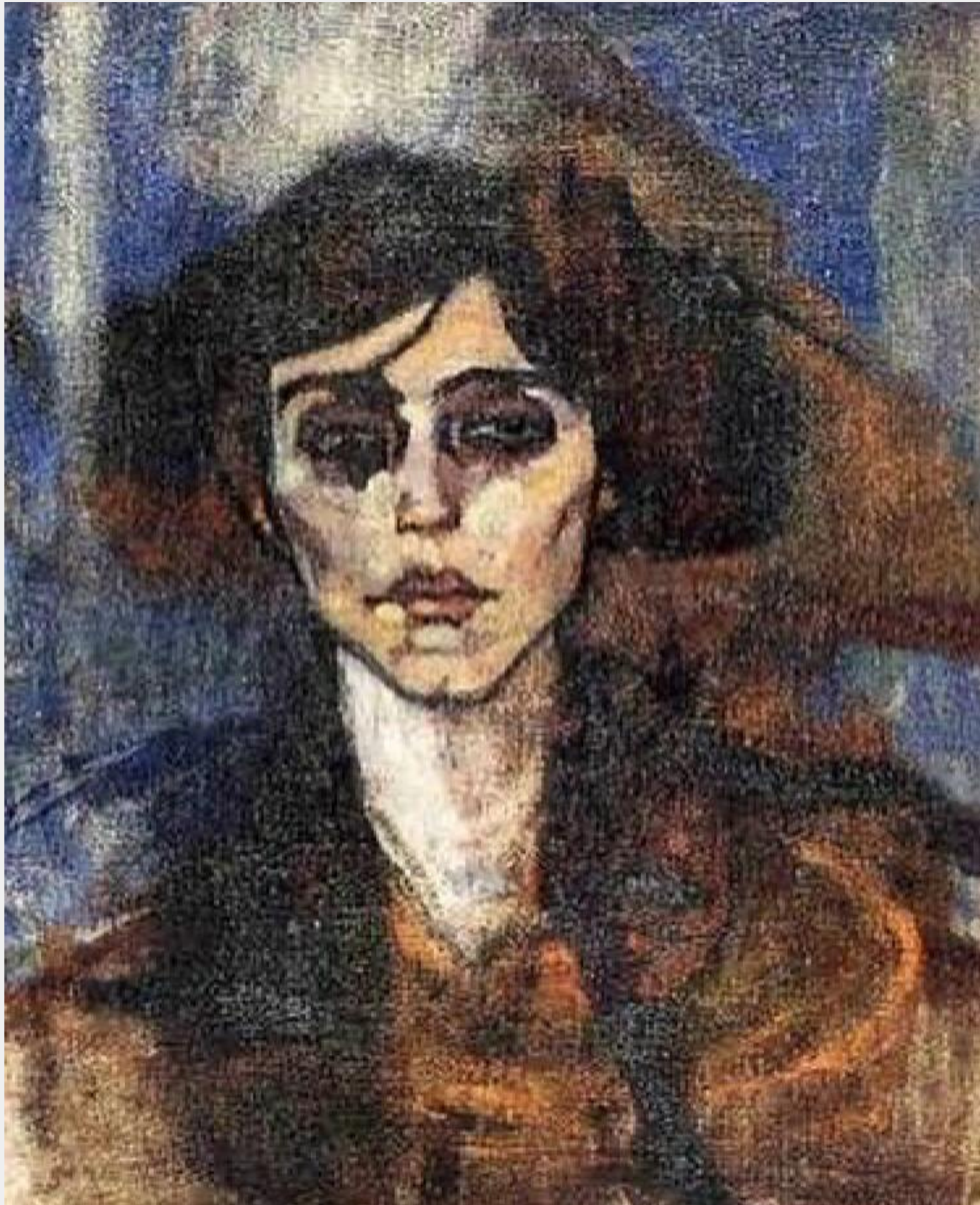
EU sonho com palavras curtas
Eu sonho com palavras longas
Palavras que vêm e vão
Que se combinam ou não.
Palavras que dizem coisas
Outras que dizem nada,
mas tiram meu sono
na madrugada.
Sonho com palavras simples
Com palavras loucas
Ora sonho com muitas
Ora com poucas.
Palavras que se atropelam
Palavras que se espalham
Umas sobras as outras

Se desprendem e se
embaralham.
Palavras de todas as classes
Palavras de todas as cores
Esquecem as sintaxes
Falam de dores e amores.
São como crianças levadas
Em meu sonho a brincar
Pena que quando acordo
De nenhuma consigo lembrar.
Caso contrário,
Escreveria um poema
que falasse de
palavras.

EXISTÊNCIA?

A existência me negou dotes próprios
Não pude ser ofertada
Nem fui notada
Precisei parir-me para ser alguém
Quebrei cascas
Troquei de peles
Fui além.
Convenci-me de que para algo haveria de servir
Pois que para tudo há um propósito, alguém me disse

E travestida de ilusões
Pude então seguir.



Amadeo Modigliani

LIBERDADE

E sem querer
Virei refém do teu ser
Do teu viver.

E sem querer me perdi
Pra sempre em ti
Me constituí.

Mas tu me resgataste
Me mostraste
Que ainda há eu em mim

Que é possível assim.

Que sou eu que me liberto
Ou me aprisiono
Espaço não é
Abandono.

Me provaste o teu amor
Quando ignoraste a minha dor
E me fizeste recordar
Que cada um no seu lugar
Não é favor,
É amar.



Hennie Niemann Jnr

EXTREMOS



Konrad Biro

O todo de toda a amplitude
É o máximo da totalidade
Inteira
Berrou ela a plenos pulmões
Agigantou-se
E abraçou o mundo
Cresceu até o céu
Estendeu-se, amplificou-se
E quando não mais podia alastrar-se,
Silenciou
Encolheu
Apequenou-se
Sussurrou ela em fiapos de voz
Diminuiu
Minimizou
Reduziu-se a uma gota, um grão, uma molécula

Nada mais.

LÁ FORA



Vincent Van Gogh

Estralaptou-se um trovão
O cachorro latiu
Lá fora
Frio, frio, frio

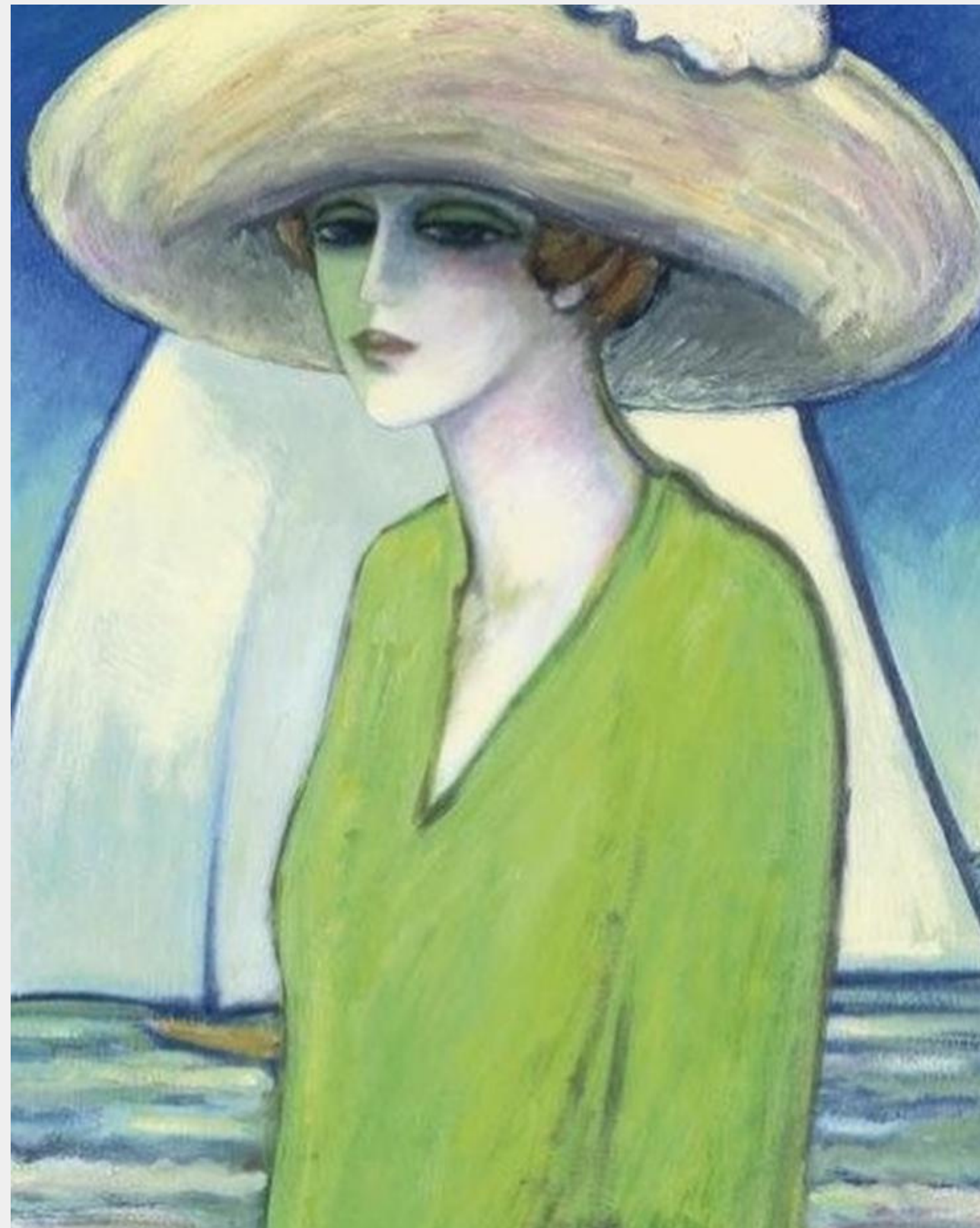
No amanhecer escuro
Fumaças de almas e café
Chuva e vapores entremolham-se
Algumas vidas permanecem

Cuias passam de mão em mão
Na dança do dia a dia
A ciranda da lida da vida
O fogo feito no chão

Crepitares de madeira e corações
Calor que sustenta o existir
A chuva que chega em borbotões
Não impede o constante ir e vir

Pois tudo o que nasce busca a permanência
Algum sentido, a essência
O frio que lenteia não freia
O desejo do porvir.

TALVEZ



Jean-Pierre Cassigneul

Talvez seja melhor não sentir
Apenas ir e vir e respirar
E nem sorrir
Ou chorar

Talvez seja mais fácil parecer
Sem de verdade ser
Representar
Para agradar

Talvez seja mais certo
acreditar
Ter um deus qualquer
Uma fé sequer
A reverenciar

Talvez seja melhor não
pensar
Não refletir
Concordar sem intuir
Não se importar

Talvez seja melhor nem
resistir
Entregar
Entregar-se
Não ousar
Permitir

Talvez seja melhor
Talvez seja pior
Talvez nem seja nada
Viver alienada
Talvez.

ESPUMA



Claude Monet

Será que serei sempre espuma?
Embora tenha forma, volume, gosto, cor e cheiro
Não sou nada
Não tenho conteúdo e solidez
Só existo na superfície e não existo por mim mesma
Há que haver um movimento, algo que me impulsione
para que então eu apareça
Caso contrário eu nem surjo
Sou imanifesta, plena em vazio
Posso assumir tamanhos gigantescos e até assustar
Mas me desmancho ao mais singelo toque
Basta um sopro e volto ao nada
Sou apenas aparência
Água, ar e sal a eternamente morrer na praia.



Elena Drobychevskaja

A SOLIDÃO DA FRUTA

A fruta apodrece
Mas não por si só,
Embora a condenem
Há o vento e há o tempo
Ela não tem culpa se não é comida
E fica
E sobra
Esquecida
Da própria vida.



FICHA TÉCNICA

Edição da Autora - Daniela Boeira Espíndola

TANTO FIZ QUE DEU POEMA

Autora - Dani Espíndola

Projeto gráfico

Jiddu Saldanha



CLIQUE AQUI